

Um templo glorioso de fé e tradição – Outeiro da Glória

A glorious temple of faith and tradition – the church of the Outeiro da Glória

Rosa Maria Dias da Silva
Formada em Filosofia, pesquisadora
da Biblioteca do Arquivo da Cidade
arquivog@pcrj.rj.gov.br

RESUMO:

Breve descrição sobre o fortalecimento da fé numa época de grandes acontecimentos e mudanças histórico-sociais. A religião estava investida de grandiosas conquistas e ações coletivas entusiásticas, enquanto os sermonistas conquistavam multidões. A partir do século XVII, a tradição e a glamorização imperial contribuíram para aproximar muitos devotos e o apelo das tradições religiosas solidificou o legado da crença.

Palavras-chave: devoção-castidade; culto e tradição; festividades

SUMMARY:

A brief description of a strengthening of faith in an age of major events and historical social changes. Religion was imbued with great conquests and enthusiastic collective actions, while the sermonisers captivated huge crowds. Imperial traditions and glamourisation contributed to rally many churchgoers in the 17th Century, and the appeal of religious traditions reinforced the legacy of faith.

Key words: devotion-chastity; worship and tradition; festivities

A invocação de Nossa Senhora da Glória data de 1608. Nessa época, era apenas um primitivo e tosco santuário, no Morro do Lerype, a 61 metros do nível do mar.

Narrada por José de Alencar em o “Ermitão da Glória”, conta a lenda que havia uma pequena gruta no alto da mata brava onde isolado vivia Aires de Lucena, um eremita melancólico pela perda de sua amada Maria da Glória. Crescendo sua devoção, ele passa a venerar, nessa mesma gruta, uma acanhada imagem de Nossa Senhora da Glória.

Sessenta e três anos mais tarde, em 1671, o ermitão Antônio Caminha(1), português, natural de Aveiro, ergueu uma pequenina e simplória capela no alto do monte, na época lugar ermo considerado extramuros da cidade. A contribuição do povo anônimo e a quantidade de doações favoreceram a melhoria da pequena Orada.

Escultor, santeiro e mestre de obras, o ermitão, com seu próprio esforço, construiu mais tarde, em madeira e barro, uma rústica capela dedicada à Virgem. Homem habilidoso, sem vaidade, andava simplesmente com o hábito da Ordem Terceira de São Francisco. Era abastado e possuidor de muitos terrenos, constituiu inúmeros descendentes, seus filhos Helena, Antonia, Tereza, Mateus, e seu filho João, se dedicaram ao culto religioso.

No dia 1º de abril de 1701, João Caminha foi eleito capelão do coro da Ermida. Em velhos alfarrábios consta que, nessa época, Antônio Caminha esculpiu uma imagem de Nossa Senhora da Glória, trabalho que durou dois anos consecutivos, em madeira muito bem escolhida(2), mandou fazer exclusivamente uma coroa de prata e três ricos anéis para a Santa, e com respeito e muito carinho acondicionou-as em grande caixa de madeira, a fim de presentear D. João V de Portugal.

Em 1708, durante seu percurso, a nau denominada Falcão, em consequência de uma forte tormenta ocorrida no dia 21 de dezembro, veio a naufragar nas costas do mar do Algarve, exatamente no dia de São Tomé. Três dias depois, em 24 de dezembro, a caixa intacta, milagrosamente, apareceu próxima aos rochedos do Convento de Lages, sendo resgatada e recolhida pelos capuchinhos do Convento de São Francisco. Ainda hoje a imagem é venerada no Algarve em altar do mesmo convento.

Antônio Caminha injustamente foi denunciado como suspeito de furto da primeira imagem do outeiro e preso em seguida por ordem do bispo Dom Francisco de São Jerônimo. Porém, logo foi liberto quando esclarecido o episódio e comprovada a sua inocência.

O Morro do Lerype, hoje conhecido como Outeiro da Glória, pertenceu à sesmaria de Julião Rangel de Macedo. Mais tarde, seus herdeiros venderam à família Rocha Freire que, em 18 de fevereiro de 1687, o alienaram ao Dr. Claudio Gurgel do Amaral, o qual, em 20 de junho de 1699, fez doação do mesmo à Irmandade da Glória, em virtude de se sentir entristecido com a degradação da pequena igreja, arruinada pelo tempo. No entanto, impôs à Irmandade a condição de que logo fosse erguido um novo templo e também um jazigo familiar para seus descendentes. Além disso, fez também doação de terras na base do

morro que anteriormente comprara de Manoel Lopes Carrilho, filho de João Lopes. Eram 100 braças na Praia da Carioca, também conhecida como Praia da Glória, em cujos arredores existia um pequeno forte para o qual, em 1703, merecidamente, foi nomeado capitão, por patente, pelo governador D. Álvaro de Siqueira e Albuquerque.

Na qualidade de Capitão, Claudio Gurgel deveria transformar o forte feito de barro em forte de pedra e cal. Assim foi realizado e, tempos depois, novamente por mérito, passou a provedor da Coroa e da Fazenda Real, bem como a juiz e contador da Alfândega, vereador e escrivão da Câmara. Por nomeação também se tornou defensor da Praia de Santa Luzia, para a qual muito contribuiu com madeira e donativos em dinheiro destinados às fortificações.

O cônego Francisco da Costa Cornivel, nascido no Rio de Janeiro e cônego desde 1710, intencionava reconstruir a igreja, porém a morte o surpreendeu em 23 de dezembro de 1711. Entre 1712 e 1714 a ermida começou a ser parcialmente construída por anônimos mestres de obras do século XVII.

Ainda em 1714 é aprovado o primeiro compromisso da Irmandade, escrito por Bento Pereira da Luz, para a sua canônica fundação, por provisão do bispo D. Frei Antônio de Guadalupe, virtuoso franciscano, nascido na Vila Amarante, em Portugal. E, em 21 de fevereiro no ano de 1725, frei Antônio é confirmado 4º Bispo do Rio de Janeiro, por Bento XIII, tomando posse no mesmo ano. Em 1726, a obra parcial da capela foi concluída.

Em 9 de julho de 1739, uma petição foi encaminhada pelos devotos ao bispo de Guadalupe para nova reconstrução do templo, nos seguintes termos:

Dizem os devotos da Virgem Nossa Senhora da Gloria, cuja a capella ou igreja se acha sita nesta Cidade, extra-muros, que elles para maior obsequio, serviço, culto da mesma Senhora, arrecadação e administração das esmolas com que os fieis concorrem para o mesmo culto e veneração, têm assentados erigirem sua irmandade ou confraria com o titulo da mesma Senhora; para regra della também determinam fazer seu compromisso que hade ser aprovado e confirmado por V. Ex. e como a querem erigir com a autoridade de V. EX. (...) (3).

O bispo concede a licença para a construção da nova igreja, exigindo que depois de erguida fosse firmado um compromisso para o bom governo dela. E, em 10 de outubro de 1739, Antônio da Fonseca Lopes, escrivão da Câmara Eclesiástica, subscreve a licença. No dia 16 de dezembro de 1739, os devotos requerem uma aprovação de seu compromisso, ficando autorizado pela provisão de 7 de janeiro de 1740.

No fim de 1781, é feito um novo projeto cujo autor presumido do risco teria sido o tenente-coronel José Cardoso Ramalho, o mesmo arquiteto da igreja de São Pedro dos Clérigos, desaparecida em 1942/1943 quando abriram a avenida Presidente Vargas.

A partir do projeto definitivo, a expressiva manifestação de fé veio ganhando força ao longo dos anos, por meio do empenho dos devotos e romeiros que promoviam animadas

quermesses e que, a cada ano, se tornavam mais interessantes, engrossando o número de fiéis fervorosos e afeiçoados peregrinos que vinham, de todas as partes, com flores, adornarem os pés da Virgem. Alguns caminheiros se hospedavam nas antigas casas dos romeiros construídas em torno da capela.

A partir do dia 5 de agosto de todos os anos começavam as novenas, que eram encerradas com a festa máxima no dia 15 de agosto, com muitas festividades, inúmeras barraquinhas, fogos de artifício, reacendendo a fé.

Em 1808, chega ao Rio de Janeiro a Corte portuguesa e os hábitos começam a mudar, embora a cidade ainda tenha ares e costumes do mundo português. Neste mesmo ano, no dia 29 de março, alguns dos capuchinhos italianos que habitavam o Hospício dos Barbonos foram desalojados e, mediante aviso régio, passaram a ocupar, em 3 de abril de 1808, a casa dos romeiros, abrigo ainda sem comodidade e regalia. Nessa época, a Irmandade passou a permitir modernos divertimentos, porém com discrição e zelo católico. As festas religiosas, com elevação do Brasil a parte integrante do Reino Unido, passaram então a atrair muitos curiosos, nobres damas e devotos cativos de bênçãos. As manifestações religiosas eram apoloéticas e pragmáticas, de crença incomum; numerosos e representativos eram os adeptos, renovando a sua fé, animados pela Banda dos Barbeiros, uma banda de negros bizarros.

A igreja poligonal, caiada de branco, circundada e sombreada pela mata, com a fachada voltada para o mar, encantou D. João VI, que se tornou ardente devoto.

Entre 1808 e 1818, o viajante e comerciante inglês, John Luccock, descreve com intensidade a beleza do sítio do monte e faz muitas referências ao pequeno convento na época ocupado por jesuítas alemães(4).

Em 4 de abril de 1819, nasce a filha primogênita de D. Pedro I e D. Leopoldina, sendo batizada em 27 de junho do mesmo ano, recebendo o nome de Maria da Glória. D. João VI leva a neta nos braços até os pés da Virgem Gloriosa. Com a igreja completamente iluminada, festeja-se o acontecimento com fogos e sinos a repicarem. Mais tarde, em Portugal, D. Maria da Glória receberia o título de D. Maria II. Em outras ocasiões, os pequenos príncipes também estiveram no templo para receberem a água do batismo.

Por volta de 1821, a Ladeira da Glória já possuía agradáveis residências, ocupadas com muito gosto pelos ingleses. Nessa época, ao lado do templo, foi construída uma extensa escadaria.

Maria Graham, em visita ao Rio de Janeiro, em 1823/1824, subiu ao monte vislumbrando o outeiro que, até o sopé, era coberto de uma densa vegetação, o que muito a admirou. Nessa ocasião, ainda se podia sentir o cheiro das folhas e flores aromáticas, assim como observar lá de cima as belas vagas marinhas.

O Padre Perereca (Luis Gonçalves dos Santos), bem longe, em Lisboa (1825), comenta que uma rua teria sido aberta para que o clero e a nobreza pudessem chegar até a ermida. Já

existiam também casas de um lado e do outro da ladeira e o número de romeiros era tão grande que o templo parecia pequeno demais a cada ano.

Em 2 de janeiro 1826, D. Pedro I sobe à igreja da Glória com o filho, de apenas um mês de vida, o pequeno Pedro, futuro D. Pedro II, para receber bênçãos diante do altar-mor. Neste mesmo ano, D. Leopoldina adoece gravemente. Em razão do momento difícil, suas majestades visitam a ermida com mais frequência a fim de suplicarem graças e, principalmente, a proteção divina para o alívio do sofrimento da imperatriz que, infelizmente, nesse mesmo ano, veio a falecer, gerando tristeza em toda a Corte.

Ao iniciar o ano de 1827, as visitas da família real nos dias santos demonstravam o apreço e a deferência pela Virgem. Contam os antigos que jamais o imperador e as princesas deixaram de louvar e prestigiar os cultos religiosos, assim como de contribuir com joias e bens de grande valor para a igreja.

D. Pedro I, em 17 de outubro de 1827, recebe no Outeiro bênçãos matrimoniais de seu segundo casamento com a imperatriz D. Amélia de Leuchtemberg que, anos mais tarde, em 1830, doa à igreja um bellissimo cálice de prata.

O coro, nessa época, contava com compositores ilustres como José Maurício, Marcos Portugal e Pedro Teixeira, todos vindos da Itália graças a um antigo pedido feito por D. João VI. Nos fins de semana, o imperador vinha prestigiá-los, sendo visto por populares subindo a colina até o Santuário em carruagem descoberta, puxada por quatro mulas, conhecida como “faeton”.

O adro da igreja, em 1837, não era mais iluminado como no tempo dos vice-reis; nessa época foram substituídos por globos fixados em hastes de ferro. E, neste mesmo ano, a casa dos romeiros passa a ser residência definitiva de alguns ingleses.

O título de Capela Imperial foi concedido por D. Pedro II, em 1846, mas somente em 27 de dezembro de 1849 foi conferido, formalmente, à Irmandade a designação de “Capela Imperial”, que se conserva até hoje. Neste mesmo ano, D. Pedro II passa a ser recebido como irmão e perpétuo protetor da Irmandade, assim como todos os príncipes da família imperial constam inscritos no livro de recepção como perpétuos protetores. Registrados no mesmo livro, entre muitos personagens ilustres do passado, estão o duque de Caxias, Souza Franco, Saldanha Marinho e José Clemente Pereira, considerado o grande provedor da Santa Casa de Misericórdia, nascido em 1787. Pedro Calmon escreve em sua homenagem: “E que espantoso provedor ele foi! Pusera a construir o edifício do novo hospital, uma obra que devia ter o tamanho do seu coração: imensurável”. José Clemente morreu em 1854, deixando para trás uma bela jornada terrena.

No ano de 1858, foram abaixo algumas pequenas e antigas casas que seguiam desde o início da Ladeira até a rua do Catete. Foi necessário substituir a iluminação do átrio e grandes lampiões foram colocados dando graça e poesia à pequena ermida.

Em 1863, provedores e irmãos da Irmandade pedem permissão para incrementar os festejos com grande quantidade de fogos de artifício(5). Entre os grandes pregadores que ocuparam o púlpito do Outeiro está o célebre Frei Francisco de Mont'Alverne, com sua fértil imaginação, eloquência e veemente oratória. Nascido em 1784, foi nomeado pregador imperial em 1816, pregou pela última vez na festa de 15 de agosto de 1855, com a igreja repleta de fiéis. Morreu 36 meses depois, em Niterói, cego, curvado porém lúcido. “Consta que o ator João Caetano ia sempre ouvi-lo para aprender a declamar.”(6)

Como de costume, no ano de 1875, Luís Mendes Ribeiro, na qualidade de festeiro encarregado de preparar fogos de artifício, pede ao presidente da comarca municipal da Corte nova autorização para os festejos. E, em 29 de julho de 1876, continuam os pedidos para que a ladeira da Glória fosse mantida em condições de asseio (calçamento, capinagem etc.)(7).

“A imperatriz Teresa Cristina, desde 25 de novembro de 1821, concorreu para a Noite da Lâmpada de Nossa Senhora, fazendo questão de acendê-la”(8). Ricas túnicas, copo e véu também eram oferecidos a ela.

A Igreja do Outeiro foi tombada em 4 de maio de 1938. A restauração, segundo sua feição primitiva, foi uma proposta do Dr. Raimundo Ottoni de Castro Maia, tendo como arquitetos Lúcio Costa e José de Souza Reis. O trabalho foi executado pelo IPHAN (1940), tendo como provedor o comandante Thiers Fleming.

O Museu da Irmandade é obra de 1939, finalizada em 1941, cujo arquiteto foi Adalberto Szlard, e está instalado em uma sala especial nos fundos da igreja. Assim como o museu, a casa-forte preserva peças de valor histórico pertencentes à Irmandade, nos mostruários estão porcelanas, objetos de prata, quadros e as roupas de Nossa Senhora, além de impressos e manuscritos. Ainda em 1939, foi celebrado o bicentenário da Irmandade e o desembargador Edgar Costa foi quem colocou a placa comemorativa.

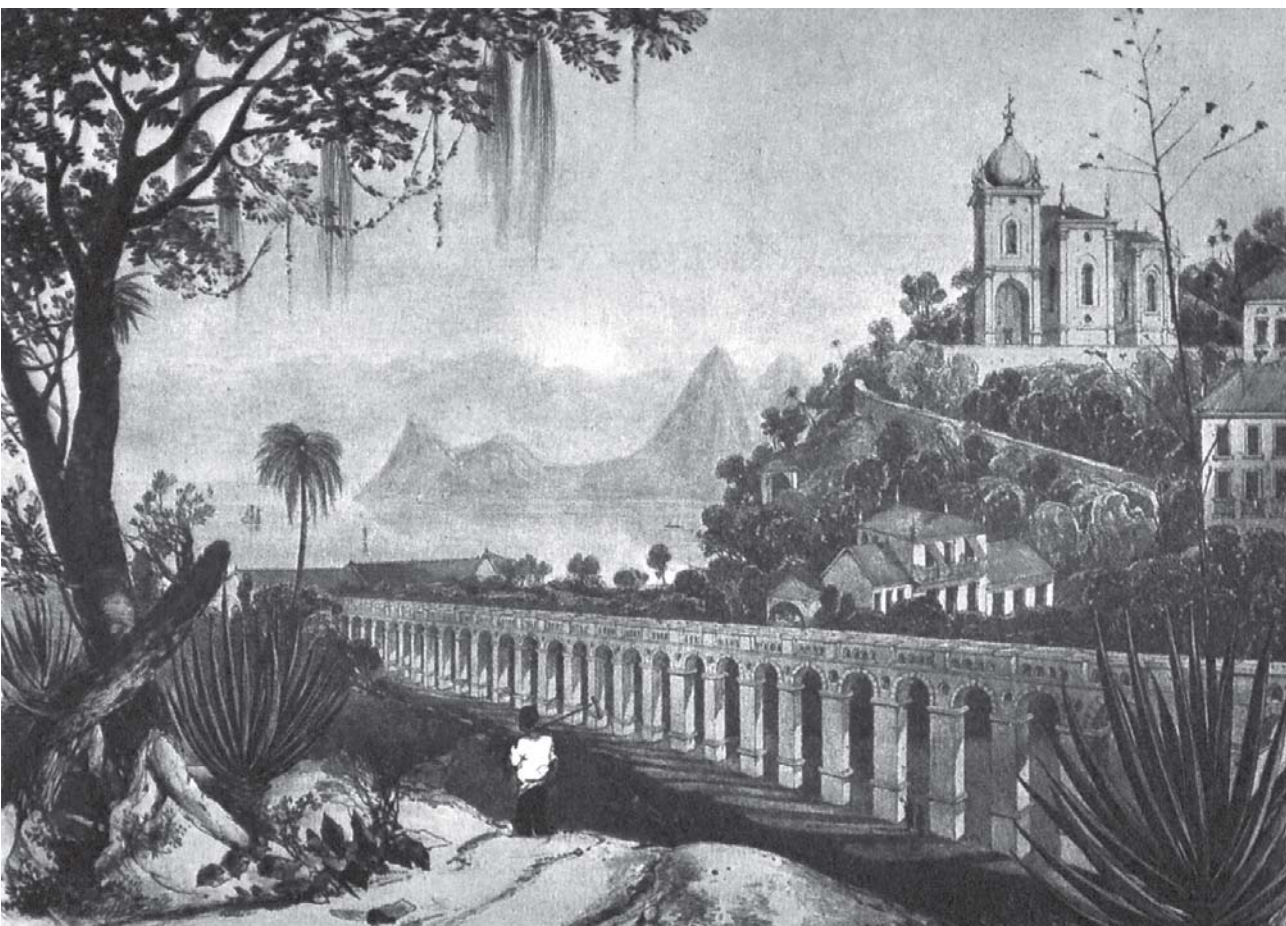
Po volta de 1940/1941, o IPHAN realizou necessárias obras de restauração, já que, no ano de 1942, os irmãos providenciariam a vinda da réplica da imagem do naufrágio de 1708, imagem essa intronizada no nicho exterior da fachada norte da igreja, modelada em gesso pelo escultor português João José Gomes, diretor da Escola Industrial do Algarve. Também foi construído um edifício de três andares, em harmonia com o estilo da igreja.

A inauguração do plano inclinado (elevador) se deu em 20 de janeiro de 1944, pelo prefeito Henrique Dodsworth. Possui capacidade para 14 pessoas, servindo aos moradores do Outeiro e aos fiéis em dias de festa, embora alguns até hoje prefiram subir a ladeira a pé. Por contrato de 3 de julho de 1944, a exploração foi concedida à Irmandade.

O órgão litúrgico foi inaugurado em 1949, ainda sob o esquema do século XVIII. O cardeal D. Jaime de Barros Câmara, desde então, muito contribuiu para o avivamento e desenvolvimento de todas as solenidades musicais. Só em 1950 essas cerimônias foram proclamadas como oficiais pela Arquidiocese, cujo provedor foi D. Jayme da Costa Leal.

A igreja foi consagrada, em 31 de outubro de 1951, pelo eminentíssimo cardeal. A consagração é uma cerimônia oficial pela qual o Senhor toma posse do edifício destinado a seu culto, ficando o local revestido de caráter sagrado, dedicado ao serviço de Deus. “O dia da consagração de uma igreja é como que o dia de seu nascimento espiritual.”(9)

O templo poligonal, único no Brasil, de oito faces, estava em moda desde o século XVII, e ainda hoje possui aspecto antigo, com paredes brancas que caracterizam a arquitetura seiscentista. As janelas têm, acima, pequenas envasaduras circulares entre pilastras com pões no topo, uma torre central com sineira e uma cobertura cuja forma lembra um bulbo, além de outras coberturas para os sinos. A igreja é pequena, no estilo barroco barromínico(10), que chegou ao Brasil no início do século XVIII. Interiormente, a igreja é clara e suave, as partes laterais inferiores possuem painéis de azulejos brancos e azuis com temas histórico-bíblicos (1735-1745)(11), que teriam vindo de Lisboa, segundo Santos



Igreja N. S. da Glória e aqueduto – W. Gore Ouseley – Rio de Janeiro, 1850

Simões. Conta com duas belas pias em mármore de lioz português do século XVIII, o mesmo lioz usado na portada frontal e nas laterais. Os três altares (1781) são de autoria de mestre desconhecido. A Capela-mor tem a imagem da Virgem em nicho de vidro, com o Menino Jesus no colo, do século XVIII. Essa imagem de Nossa Senhora da Glória, segundo a tradição, foi esculpida pelo ermitão Antônio Caminha(12) e possui túnica bordada em ouro e prata. A mudança das vestes ocorre todos os anos, no dia 5 de agosto, em cerimônia introduzida pela imperatriz Leopoldina(13). O templo mantém a imagem de Santo Amaro do lado direito, com a epístola, caracterizado pelo traje beneditino e pela coroa dos clérigos. A de São Gonçalo do Amarante permanece no terceiro altar, com o evangelho.

José de Alencar destacou o Outeiro em seu romance-lenda “O ermitão da Glória”. Assim descreveu a festa da Glória em 1855: “(...)uma das poucas festas populares da corte”(14). Realmente, proletários, comerciantes, banqueiros, negros, romeiros provincianos, pessoas humildes, enfim, todas as camadas sociais se uniam na fé, aumentando o significado religioso, aguardando o amanhecer do dia 15 de agosto, quando as famílias ilustres viriam para assistir a primeira missa da manhã. E José de Alencar, mais uma vez, em seus escritos, deixa sua impressão: “É uma festa filosófica essa festa da Glória (...)”(15).

Porém, segundo Manoel Bandeira, o cortejo não estava completo, diz ele:



Reprodução de Cartão Postal

Faltam a ele as figuras principais que eram a dos soberanos. Os Imperadores do Brasil e antes deles os Vice-Reis e Governadores Gerais que compareciam todos os anos à festa. (...) Era uma festa ao mesmo tempo popular e aristocrática.

Desde os tempos dos vice-reis, a Festa de Nossa Senhora da Glória é reconhecida como uma festa de grande magnitude religiosa, durante a qual o povo expande sua alegria. Com música, ardentes tochas, fogos de artifício, caminhantes sobem exclusivamente pela fé e coroam a festa com danças e representações. Manuel Bandeira recorda: “(...) Todavia não deixei de ter saudades da iluminação primitiva que formava em torno da capelinha um manto, cintilante manto de Nossa Senhora”(16).

Obscuridade, tormentos e aflições podem estar no asfalto, mas com certeza o Outeiro da “Glória” continua acima do Bem e do Mal. A mansão brasileira da “Rainha da Glória” é *pop*: está sempre aberta a diletos fiéis de bom zelo. E o empenho dos devotos de décadas passadas resultou em um comprometimento afetivo que enobrece o cenário da Cidade do Rio de Janeiro.

Notas

1) Segundo essa fonte, *Primeiras famílias do Rio de Janeiro*, v.1. Carlos Rheingantz, p. 286, Antônio Caminha nasceu no Rio de Janeiro, foi batizado em 20 de junho de 1649, e casou-se na igreja da Candelária, em 9 de dezembro de 1674.

2) Claudio G. do Amaral Grugel, e não Gurgel, pois assim ele assinava nos documentos da Santa Casa de Misericórdia, do qual era um importante provedor. José Vieira Fazenda. *Antiquilhas e memórias*, tomo 86, v. 149, p. 357.

3) Pequeno panorama, v. 1, p. 280.

4) O pequeno convento seria a casa dos romeiros. Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: SPHAN, 1943, p. 16.

5) Códice 43-4-4, folha 8. AGCRJ.

6) *História da literatura brasileira*. Silvio Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. p. 180.

7) Códice 43-4-4, folha 21. AGCRJ.

8) Relatório da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, 1950- 1951, p. 92.

9) Relatório da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, 1950- 1951, p. 14.

10) Francesco Barronimi substituiu as linhas

retas por curvas e as superfícies lisas por volumes. (Século XVII – XVIII). *O Rio de Janeiro e sua arquitetura*. Rio de Janeiro: RIOTUR, 1989, p. 15.

11) Separata dos “Anais do Museu Histórico Nacional”, v. 6, 1943. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Yolanda Marcondes Portugal. Rio de Janeiro, 1948, p. 22.

12) Relatório da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, 1950-1951, p. 55.

13) Separata dos “Anais do Museu Histórico Nacional”, v. 6, 1943. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Yolanda Marcondes Portugal. Rio de Janeiro, 1948, p. 12

14) *Ibid.*, p. 13.

15) Rio de Janeiro em prosa e verso. Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 482.

16) Citação de Manuel Bandeira *em Crônicas da província do Brasil*, no livro *Igrejas Barrocas do Rio de Janeiro*, Benjamim de A. Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 87.

Referências Bibliográficas

AGCRJ. Códice 43-4-4 folha 8 e 21 Festividades.

AZEVEDO, Moreira de. *Pequeno panorama: descrição dos principais edifícios da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1961.

BANDEIRA, Manuel., ANDRADE, Carlos Drummond. *Rio de Janeiro em prosa e versos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

CARVALHO, Benjamim de A. *Igrejas Barrocas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921. tomo 86, v. 140.

MACEDO, Roberto. *Efemérides cariocas*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1943.

MAURICIO, Augusto. *Igrejas históricas do Rio de Janeiro*. Edição atualizada. Rio de Janeiro: Kosmos [19—].

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Brasília: Garnier, 2002.

PEIXOTO, Afrânio. *A Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1943.

PORTUGAL, Yolanda Marcondes. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro, 1948.

Relatório da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Rio de Janeiro, 1950 -1951.

Rio de Janeiro e suas igrejas. Rio de Janeiro: RIOTUR, 1988.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

RHEINGANTZ, Carlos. *Primeiras famílias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965. v.1

VALLADARES, Clarival do Prado. *Rio Barroco*. Rio de Janeiro: Bloch, 1978.

(Recebido para publicação em 19/04/2011)